

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte Journal do Brasil (R. J.) Class.: 147  
Data 30 de agosto de 1980 Pg.: \_\_\_\_\_

## ARTES PLÁSTICAS

190

# MITOLOGIAS INDÍGENAS

Wilson Coutinho

**A** cidade de Innsbruck, na Áustria, contava, em 1960, com 120 mil habitantes, nevava e possuía um insólvel problema filosófico: qual era a maneira correta de pensar? Maria Tomaselli, austriaca, habitante da cidade e, na época, estudante de filosofia não poderia ser indiferente aos degladiantes debates que envolviam dois professores de filosofia da Universidade local, cada um considerando possivelmente que a sua era a melhor maneira de pensar.

Innsbruck fica no Tirol e as montanhas costumam esquecer o mundo. A década de 60 possuía Cuba. Alguns tiros em Dallas derrubaram o presidente da maior potência do mundo. Andy Warhol expunha. Rauschemberg também. Leo Castelli — marchand de ambos — agitava-se para que eles se transformassem em anjos dourados do mercado. Essa retrospectiva movimentada dos anos 60 não era para Innsbruck um grande problema. Afinal, o mundo não pensava corretamente. Maria Tomaselli tentou contribuir, ao menos, para que Innsbruck pensasse com correção. Escreveu uma tese sobre Fichte, filósofo alemão do século passado, na qual ela se propunha a defender um dos professores. Na Áustria essas coisas devem ser apaixonantes. Em Viena, no mesmo período, havia um outro longo seminário, que durava já há quatro anos, em que se tentava tornar clarividente a frase "Deus é". Mas Maria Tomaselli conheceu um brasileiro que também estudava filosofia, casou-se e veio para o Brasil.

Até hoje é possível que Innsbruck não tenha resolvido o seu problema intelectual e em Viena a grave sentença sobre a existência de Deus deve ter proporcionado algumas íntimas heresias, além de um total desinteresse por frases curtas e complexas. Conta Maria Tomaselli que o aluno mais aplicado do seminário vienense é hoje, apenas, um serviçal dos livros, onde existem frases mais longas e menos exasperantes. Tal estudante transformou-se num simples bibliotecário.

Há 16 anos no Brasil, Maria Tomaselli esqueceu, por completo, as arruinantes devastações da filosofia fichteana e transformou-se em artista plástica. Afinal, a arte é sensível. Não precisa muito da correção do pensamento. No final da sua tese havia a teoria da imagem de Fichte. No Brasil, ela transformou essa imagem numa prática.

Totalmente artista e pouco filosófica, está expondo agora, na Galeria Saramenha, 20 pinturas em acrílico e três utilizando-se da textura da juta. A temática é de total indiferença a vaidade filosófica, a neve e as montanhas de Innsbruck. Trata-se de índios. E índios brasileiros. Não mais as complicadas mitologias da racionalidade européia.

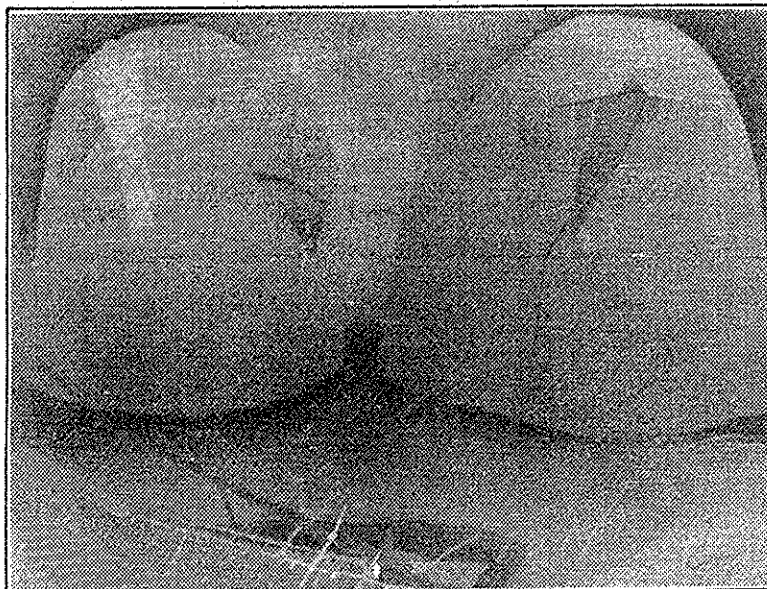
Essa introspecção rousseauiana aos mitos indígenas não é tratada de forma anedótica ou buscando propor, através da exibição visual do tema, uma "sociologia da salvação". Maria Tomaselli procurará projetar nas suas telas esquemas mentais. De um lado, a transfiguração de uma lenda — a do Mavutsini — que narra a gênese dos xinguanos. Na lenda, Mavutsini é o pai primordial do povo do Xingu. Esse ao invadir um espaço interdito para roubar cipó de buriti para fazer suas flechas é obrigado

oferecer à uma onça — símbolo da imortalidade — as suas duas filhas em casamento. Como elas não desejam esse casamento, Mavutsini arma um ardil, esculpindo duas mulheres que são entregues ao animal. Os xinguanos nascem desse casamento e, metaforicamente, são filhos da imortalidade e da precariedade da imagem. Produtos de um ardil de um artesão que enganou a imortalidade através da ilusão da forma.

Do outro lado, existe também o próprio esquema mental da artista captando a lenda dentro do investimento cultural do Ocidente. Segundo Maria Tomaselli, a gênese xinguanas não estabelece nenhuma visão do paraíso perdido. A Queda judaica-cristã gera uma incessante procura e retorno a uma identidade, sem contradição, do homem com o divino e com a natureza. A gênese xinguanas não imagina uma volta paradisiaca, um recolhimento utópico à identidade perdida. Mas, quando Maria Tomaselli explora a mitologia indígena ela não pode deixar de sucumbir ao desejo de fixar, em imagens, o projeto ocidental da não contradição. Ao redor de sugestões de tabas pintadas, de aldeias, de signos retirados de desenhos dos índios, existe a idéia de introjetar, através do

quando lutam por seus direitos e, razoavelmente, sem esboçarem nenhuma utopia pacificadora.

As telas na Saramenha buscam uma adesão plástica em primeira instância. Anos atrás, participando do grupo paulista Escola Brasil, Dois Pontos, do qual faziam parte o pintor Baravelli e o escritor José Resende, Maria Tomaselli trabalhava com sacos de aniagem, aproveitando-se também do que estava escrito neles. Vendo uma exposição no MASP — Hileia Amazônica — interessou-se pela unidade visual entre as tramas da juta dos sacos e as palhas tecidas dos índios. A partir daí deslumbrou a temática indígena, realizando, em 1979, uma seqüência de gravuras em metal — O Morená — onde registra a narrativa da gênese indígena. As telas na Saramenha são um desdobramento dessa temática, fixada primeiramente na gravura. Em segunda instância há um problema nas ideologias de produção que emergem do ambiente de artes plásticas. Uma é da ecologia, o último paladar no gosto dos críticos da visualidade. Outra, das inúmeras, é a ideologia do "bom selvagem", esse ufanismo da consciência culpada, um pouco branca demais e que serve



A lenda do Mavutsini transposta para as telas. Pintura de Maria Tomaselli na Galeria Saramenha

para não se fazer nada a não ser demonstrar a constante vigilância da própria culpa. E há, como sempre, os espertos. No ano passado, o francês Pierre Restany, crítico extremamente impiedoso com a sua própria inteligência, depois de um piquenique na Amazônia, promulgava um tedioso manifesto — Naturalismo Integral — exaltando no Beaubourg as virtudes da selva bem-comportada. Ora, um dos poucos problemas interessantes na arte é exatamente o fato, ao contrário das ideologias corriqueiras, de mostrar a possibilidade de não camuflar os conflitos.

O trabalho de Maria Tomaselli procura evitar essa leitura da boa convivência, embora impregnado de uma ideologia que pode produzir uma certa sublimação estética da questão indígena. É o perigo que seu trabalho corre, embora na Galeria Saramenha e nas nove litografias expostas na Galeria de Arte Cândido Mendes presente, através da organização plástica procurada e tecnicamente bem conduzida, uma beleza tátil e, somente por causa dela, constituiu-se num veículo de comunicação para os problemas estéticos e sociais.

mundó indígena, a figura ocidental do retorno pacificado, o que conduz seu trabalho, é evidente, para as ideologias correntes. "Eu quis trabalhar" — explica — "no campo da poética e na idéia de integridade comunitária que os índios possuem. Eles nunca segregam ninguém. Fato que vem, cada vez mais, se acentuando, com violência, na sociedade contemporânea."

Maria Tomaselli relaciona-se com seus índios através de um esquecimento tático: embora o mundo indígena não conheça a propriedade privada como modo de produção, a maioria das lendas e dos mitos é forte sublimação para impor pesadas regras sociais. O retorno a uma sociedade feliz é uma utopia uterina do Ocidente. Maria Tomaselli procura o lado suave da sociedade indígena: a integridade e o respeito para o outro. Isto propriamente nos interessa. As telas, na Galeria Saramenha, não mostram a violência interna e as contradições comuns às sociedades primitivas. Nem os atuais problemas políticos, de terra e de sobrevivência, que os índios enfrentam com os brancos. Além, ainda, dos constantes massacres que sofrem,